

FUTEBOL, MÍDIAS E BORRÕES: UM OLHAR RELACIONAL SOBRE O ESPORTE¹

Diogo Correa MEYER*

RESUMO: Procuramos neste texto problematizar a relação de identidades inventadas no futebol a partir de uma perspectiva relacional baseada principalmente na teoria ingoldiana. Para isso, selecionamos um evento – as partidas de ida e volta das oitavas de final da Copa Libertadores da América entre Clube Atlético Mineiro e Racing Club de Avellaneda – no qual destacamos a presença de uma personagem: o goleiro argentino Sebastián Saja. Neste percurso, notamos como o indivíduo é inventado criativamente por uma miríade de relatos oriundos dos meios de comunicação a partir das análises de outros agentes, como jornalistas, cronistas, outros depoimentos de atletas, outros tempos, entre outros. Com efeito, através dessa polifonia, pensamos o futebol como um emaranhado de coisas vivas, onde não somente a trajetória profissional de um jogador é fluída, como também os diversos elementos relacionados ao esporte, tais como a leitura viva sobre as identidades regionais desenhadas pelos agentes da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Meios de comunicação. Identidade. Tim Ingold. Roy Wagner.

Um jogo com mais de 90 minutos: introdução

A última semana de abril marcou o início da fase eliminatória do maior torneio interclubes da América Latina, a Copa Libertadores da América². Dentre

* Mestre em Ciências Sociais. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos – SP – Brasil. 07252-312 - diogo.correa92@yahoo.com.br

¹ Optamos por deixar as fontes referentes aos discursos dos meios de comunicação impressos e aos vídeos nas notas de rodapé anexadas ao determinado trecho.

² Campeonato criado pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) em 1960 onde o campeão recebia o direito de disputar contra o vencedor da Copa Europeia de clubes a Taça Intercontinental. Diversas

os confrontos das oitavas de final, um cruzamento chamou a atenção: Racing Club de Avellaneda³ e Clube Atlético Mineiro⁴ protagonizaram mais um dentre os diversos encontros entre clubes argentinos e brasileiros – países dominantes no torneio no que se refere à conquista de títulos. Confronto este que contou com uma peculiaridade: era a primeira vez que tais equipes se enfrentaram na história dessas instituições centenárias. O empate por 0 a 0 no Estádio Juan Domingo Perón⁵ não reflete o que foi a partida, caracterizada por diversas oportunidades de gols para ambos os lados e de participações notáveis dos goleiros (uma bela homenagem ao “dia do goleiro”, celebrado no Brasil no dia anterior ao jogo, 26, devido ao aniversário do guarda redes Manga), sobretudo do argentino Saja, protagonista dentro e fora das quatro linhas.

No dia após o jogo, um vídeo lançado em redes sociais mostrava uma última conversa dos atletas da equipe mandante antes de adentrarem ao gramado. Saja, o capitão, o goleiro batedor de pênaltis, o atleta que até a temporada passada jogava com o desenho de um dragão estampado em sua camisa personalizada (referência a seu apelido, “Chino”), um dos atletas que está a mais tempo no clube (desde 2011), o veterano de 36 anos, proferiu as últimas palavras antes de conduzir a equipe a campo. “*¡Son brasileños, se cagan! ¡Hagámoles sentir nosotros cómo se vive el fútbol en la Argentina! ¡Cómo se vive acá en la cancha de Racing! Si no los hacemos sentir, se agrandan, entonces no los dejemos agrandar. ¡Caguemoslos a palos como pide la gente!*”. O vídeo, que foi visualizado mais de 200 mil vezes na página de uma emissora televisiva brasileira e devidamente legendado ao português⁶, teve reações dos espectadores (a maioria composta por brasileiros) nas redes sociais, que evocavam desde o “espírito da Libertadores” até a provocações que remetiam à rivalidade entre Argentina e Brasil.

Convenhamos que tal comportamento do arqueiro (chamado de provocação, intimidação, inspiração, mas que não retira o seu significado apesar desta Babel de interpretações) não é nenhuma novidade, mas sim a reincidência de

mudanças estruturais foram realizadas desde então, como o maior número de participantes.

³ Primeiro clube de argentinos a vencer um campeonato local (ALABARCES, 2008), o Racing Club de Avellaneda foi fundado em 25 de março de 1903 na cidade de Avellaneda, localizada na grande Buenos Aires.

⁴ O Clube Atlético Mineiro foi fundado por um grupo de estudantes no dia 25 de março de 1908 num parque da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

⁵ Estádio onde o Racing Club de Avellaneda manda suas partidas.

⁶ No dia 16/05/2016, este vídeo atingira o número de 208.794 visualizações. O vídeo titulado: *Goleiro do Racing, ontem, na porta dos vestiários: “São brasileiros, se borram...”* encontra-se disponível: <<https://www.facebook.com/foxsportsbrasil/videos/1024155494337878/>>.

uma invenção do Outro que é correspondida exaustivamente tanto lá quanto aqui. Citemos dois casos recentes, como os conflitos entre argentinos e brasileiros durante a Copa do Mundo de 2014 em Belo Horizonte e a confusão envolvendo policiais militares e atletas de Atlético-MG e o argentino Arsenal de Sarandí pela Copa Libertadores da América de 2013 no estádio Independência, em Belo Horizonte – episódio lamentável no durante e depois, quando um repórter brasileiro escreveu em sua rede social que em seu mundo perfeito vemos “argentino derrotado, levando borrachada e ainda no final preso”. Coincidências relacionadas ao Galo?⁷ Prefiro recordar uma faixa de torcedores do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense que diz: “se somos assim, não é por acaso”.

As primeiras partidas entre argentinos e brasileiros ocorreram ainda no surgimento da seleção brasileira de futebol, na década de 1910. O jornalista Mário Filho recorda o episódio no Campeonato Sul-americano de 1925, quando torcedores argentinos invadiram “o campo do Barracas aos gritos de ‘*macaquitos*’, meteu o pau nos jogadores brasileiros” (FILHO, 2010, p. 147). Alguns jogos polêmicos e violentos não somente entre as seleções como entre clubes dos dois países voltaram a ocorrer no decorrer das décadas, sobretudo após a criação da Copa Libertadores da América. Alimentados pelos (ou alimentadores dos?) meios de comunicação através de “galvanizações”⁸ do futebol-espetáculo retratados em bordões como “ganhar é bom, mas ganhar da Argentina é melhor ainda!”, ou cânticos como o *hit* da Copa de 2014 “Brasil, décime que se siente” – na letra que rememora eventos históricos repletos de trocadilhos sexistas e que reforçam uma superioridade portenha afirmada na masculinidade –, programas televisivos que afirmam de maneira jocosa e ressaltando elementos culturais regionais como a cumbia, o futebol e o fernet a superioridade sobre o vizinho⁹; e, por fim, aquela música entoada pelos torcedores do Club Atlético Boca Juniors na final da Copa Libertadores da América de 2003 ao Santos Futebol Clube e lembradas no jornal de maior circulação do país, o *Clarín*: “***Siga, siga el baile; al compás del tamboril; esta noche nos co...; a los p... de Brasil***” (BOSSIO, 2003, grifo do autor).

⁷ Nome da mascote do Clube Atlético Mineiro e animal símbolo da agremiação.

⁸ Trocadilho entre o termo químico e o narrador esportivo Galvão Bueno, célebre na exaltação da rivalidade entre Argentina e Brasil.

⁹ Um dos trechos da “cumbia papal” afirma: “*Brasileiro, brasileiro, que amargado se te ve, Maradona y Pancho Uno [Papa Francisco I] son más grandes que Pele [...]*”. O vídeo é de 2013 e seu *link* pode ser conferido (CUMBIA..., 2013).

Ao citarmos Boca Juniors e Grêmio, recordamos imediatamente da final da Copa Libertadores de 2007, quando estas duas agremiações se enfrentaram e na meta gaúcha estava o argentino Sebastián Saja, o mesmo do início do texto. Naquela ocasião, o arqueiro fez declarações acerca do futebol argentino a um jornal brasileiro, que ganhou contorno nas linhas escritas pelo repórter Giuliano Villa Nova, onde afirmava que: “O Grêmio é o mais *porteño* dos times brasileiros. Se não jogássemos como argentinos, com muita raça, não teríamos chegado à final.” (VILLA NOVA, 2007). Já na véspera do jogo derradeiro daquela edição, um periodista argentino chamado Gabriel Di Nicolla entrevistara Saja e destacara a seguinte fala do atleta: “*El jugador brasileño es más técnico y juega más bonito. El argentino apela a mañas para hacer tiempo y parar el juego. Por eso no debemos ceder tiros libres y hacer fouls tontos.*” (DI NICOLLA, 2007).

A discussão sobre a influência ou não dos meios de comunicação na constante produção, reprodução e reformulação das identidades e alteridades inventadas entre argentinos e brasileiros já fora discutida em outros textos (GUEDES, 2002; HELAL; LOVISOLO, 2007; MEYER, 2014). Agora, ao direcionarmos nossas atenções a Sebastián Saja e às suas declarações de 2007 e 2016, notamos algumas **linhas** de convergência que nos convida a uma leitura relacional do problema.

No Grêmio, o goleiro fora o único jogador gremista a marcar um gol de pênalti no campeonato brasileiro de 2007 (CAMPEONATO..., 2016) – o que já é algo raro neste esporte pelo fato de ser um goleiro, responsáveis por impedir a realização de gols. A cobrança da penalidade máxima é delegada na maioria das vezes àquele atleta que corresponde a uma liderança da equipe dentro das quatro linhas e que possui o amparo não somente dos profissionais como também dos torcedores, como foi no caso. O que intensifica esta ocasião é a própria história da instituição: Saja foi o primeiro goleiro do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre a marcar um gol na história centenária do clube; foi ele o escolhido pelos torcedores (e pelos atletas, que já sabiam de seu retrospecto de batedor de pênaltis) a ter a oportunidade de entrar para a história (HOHMANN, 2007). Na ocasião, a partida estava empatada em 0 a 0 e, logo após a conversão, Saja celebrou beijando o escudo do Grêmio em seu uniforme e gesticulando aos torcedores o desejo de permanecer no clube ao apontar com os dedos para o chão e para seu peito repetidamente. Entrementes, a partida contra o Figueirense Futebol Clube válida pelo Campeonato Brasileiro daquele ano reservara um anticlímax a esta façanha: a equipe de Santa Catarina reverteu o placar e venceu o jogo por 2 a 1, sendo um dos gols ocasionados por uma

falha do arqueiro portenho¹⁰. Torcedores dividiram-se entre vaia e aplausos aos atletas em campo e este fora um das últimas atuações de Saja em Porto Alegre, que voltara à Buenos Aires para atuar pelo San Lorenzo em 2008.

Quatro anos depois, Saja retorna a Buenos Aires para defender o Racing Club de Avellaneda. Lá, torna-se um dos ídolos recentes dos torcedores, um dos líderes do elenco profissional, um dos principais batedores de pênaltis da equipe e participa da campanha vitoriosa do Campeonato Argentino de 2014 que volta a conquistar o maior título nacional após 13 anos (RACING, 2014). A reconstrução constante e criativa de um atleta com ideias e perspectivas de liderança se dá ao longo de sua carreira e *craftada*¹¹ por diversos cronistas, jornalistas e outros agentes da comunicação¹².

Ao realizar aquela preleção final antes de adentrar no gramado do Estádio Presidente Perón, em Avellaneda, Sebastián Saja atuou como um atleta que exerce a “liderança socioemocional” dentro da equipe argentina. Consoante Rafael Moreno Castellani (2012, p. 437), “[...] o papel do líder esportivo será então buscar estratégias para tornar a vida do grupo harmoniosa e atingir o estado de coesão, fundamental para motivar seus liderados a conquistar melhores resultados [...]”. Por conseguinte, a reprodução criativa de uma imagem do futebol brasileiro como um todo foi realizada com a possível finalidade de motivar seus colegas através do rebaixamento do outro, transmitindo confiança e a tranquilidade para confrontar o adversário.

A REVANCHE SERÁ BORRADA

Na primeira semana de maio, na partida de volta e derradeira do confronto entre Atlético-MG e Racing, foi sacramentada a vitória da equipe brasileira por 2 a 1 em uma partida com muitas chances de gol – especialmente para a equipe brasileira – e novamente marcada pelas atuações dos goleiros, principalmente o do Racing, que evitou que o placar fosse mais dilatado ao defender um pênalti. No entanto, não era Saja que estivera no gol da equipe argentina: afastado devi-

¹⁰ O vídeo da partida encontra-se (35ª RODADA, 2007).

¹¹ Neologismo relacionado ao verbo inglês *to craft* que, segundo o *Dicionário Oxford Escolar Português-Inglês Inglês-Português* (2001), significa produzir artesanalmente. Acreditamos que este termo confira uma melhor direção semântica ao que tratamos no texto.

¹² Por exemplo, em reportagem de 2012 de um site brasileiro que mostra os hábitos de leitura do goleiro, que atuava no período no AEK Atenas, equipe grega. Nesta ocasião, seus livros justificavam a postura de liderança galgada pelo profissional em equipes de futebol (ARGENTINA..., 2012).

do a uma lesão na perna detectada pelo departamento médico, o goleiro reserva atuou na partida de Belo Horizonte. Esta falta só intensificou uma revanche dos atletas brasileiros, que após o jogo se direcionou não somente a uma comunidade imaginada dos “argentinos” – como fora feito anteriormente por Saja quando se referira aos “brasileiros” –, como também ao autor da expressão.

O pós-jogo voltou a repercutir com intensidade semelhante nos meios de comunicação. Um portal de notícias brasileiro notificou as declarações de jogadores do Atlético-MG no final da partida em tom de revanche, desde o título da reportagem (“Jogadores do Atlético-MG respondem Saja: “Deu para ver quem se borrou”), passando pela imagem que ilustra o texto (o goleiro argentino com as mãos na face e com uma expressão perplexa) e os trechos recortados de alguns atletas que mencionaram o fato. O autor da reportagem, o jornalista Victor Martins, afirma que o lateral-direito Marcos Rocha referiu-se, segundo reportagem, à ausência do goleiro da equipe adversária da seguinte forma: “Ele nem veio para o jogo, então deu para ver quem se borrou. Mas não sei o que aconteceu com ele. Como companheiro de jogo, torço para que se recupere logo. Mas quem se classificou foi o Atlético.” (MARTINS, 2016). Mesmo com o tom de jocosidade nas palavras colocadas no jornal, nota-se que o atleta brasileiro mantém uma preocupação ética no que se refere à lesão do “companheiro de jogo”.

Por sua vez, o goleiro brasileiro Victor foi desenhado a partir de um trecho de sua entrevista em que primeiramente contradiz o que fora colocado pelo goleiro do Racing na Argentina e depois afirma:

Já esperávamos essa dificuldade contra o Racing. Mas em nenhum momento a equipe deixou de lutar, não deixou de tentar [...]. O Atlético foi merecedor, principalmente pelo segundo tempo que teve. Tivemos até a oportunidade de matar a classificação antes. Foi uma resposta boa para quem fala que os brasileiros se borram na Libertadores. (MARTINS, 2016).

E esta peculiaridade sutil, o “quem está narrando”, é de fundamental importância para o entendimento semântico. Por mais que o discurso apresentado nos meios de comunicação corresponda integralmente o que foi dito pelo agente (árbitro, atleta, treinador, entre outros profissionais que atuam dentro das quatro linhas), a intencionalidade que ele adquire fora do momento é modificada a partir de um processo criativo de invenção de categorias.

Nada impediria o jornalista Victor Martins de escrever no título de sua reportagem “Lateral do Atlético-MG lamenta lesão de companheiro de profissão argentino” ou então “O goleiro Victor destaca o apoio do torcedor: “Apoiou o tempo todo, isso foi muito importante também”, entre outras opções que sequer estiveram presentes no corpo do texto e que puderam ter sido ditas pelos atletas *in loco*. Mas aí está o elemento central do que tratamos aqui: essa invenção do jornalista, por mais que reproduza fielmente o que foi dito pelo autor (ou autores, se levarmos em conta o depoimento dos dois jogadores citados), tem **voz**, é um discurso **vivo, fluído**, que encontrou diálogo com aquele outro discurso proferido pela personagem criada em vídeo no qual Saja esteve presente. Pois, como demonstramos aqui, Saja não é somente a opinião de um agente que afirma que os brasileiros “se borram”, mas também uma personagem já destacada em 2007 por afirmar outras opiniões sobre os brasileiros e os próprios argentinos.

Tal **malha** de coisas somente nos foi constituída graças a uma série de acontecimentos históricos **vivos** que direcionaram para tal ocorrência e que, de certa forma, condicionam as falas criativas e suas representações. Ou, segundo Marx,

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. (MARX, 2011, p. 25).

Isso não exclui o fato de Saja ou Victor ou Marcos Rocha ou Victor Martins terem opiniões e as reproduzirem criativamente. A questão é que, no caso desta reportagem que desenha a vingança atleticana, não encontramos os atletas profissionais propriamente ditos, mas sim uma representação destes – o que não deixam de ser imóveis, afinal interação para intensificar ou arrefecer sentimentos e oferecer ou não ferramentas para novas coisas imaginadas – a partir da narrativa de um jornalista, sujeita à ação deste.

Para exemplificarmos melhor esta condição criativa, selecionamos mais uma reportagem acerca de tal acontecimento. Neste portal de notícias esportivo – um dos mais acessados da Argentina –, em uma reportagem sem assinatura intitulada “*Ya se sabe quién se borro*”, encontramos o seguinte texto, reproduzido aqui integralmente:

En Belo Horizonte había tenido muchísima repercusión la arenga de Sebastián Saja en la previa del partido de ida de los octavos de final de la Copa Libertadores, en la que decía: “Los brasileños son cagones”. El arquero de Racing, lesionado, no pudo jugar la revancha, en la que Atlético Mineiro se clasificó a cuartos de final tras a ganar 2 a 1. Pero hubo jugadores del Galo que pasaron factura. Marcos Rocha, lateral derecho, declaró: “Saja no jugó. Ahora la gente ya sabe quién se borró”. En tanto, el arquero Victor dijo: “Esta victoria es una respuesta para quienes dicen que los brasileños se borran”. Obvio, había quedado rencor... (YA SE SABE..., 2016).

Logo abaixo da reportagem, em uma seção reservada aos comentários dos leitores, encontramos diversos comentários xenofóbicos e racistas contra os brasileiros como tréplica à réplica dos atletas do clube mineiro. Observa-se também a elipse da voz de Marcos Rocha (que inclusive tem sua foto ilustrando a reportagem) e Victor, explicitando somente o trecho de suas falas em que provocam o goleiro argentino Saja. Com efeito, existe aqui mais um Marcos Rocha e mais um Victor, contabilizando assim um total de, no mínimo, três deles: eles como atletas profissionais que concederam entrevista pós-jogo, onde sua equipe sagrou-se vitoriosa; eles como personagens criados por um jornalista brasileiro; e eles como personagens inventados por um meio de comunicação argentino.

Estas séries de acontecimentos esportivos narrados pelos meios de comunicação resultam em diversas linhas vivas que encontramos respaldo na teoria relacional do antropólogo escocês Tim Ingold. Imaginemos estes relatos futebolísticos como uma **malha**; portanto, pensemos Saja como um ser que atua e sofre ações a partir das relações com outros elementos de uma ontologia futebolística. Sua (s) fala (s) **flui** (em) ou, em termos ingoldianos, **vaza** (m) para complementar um sentidos que apresentam em sua composição diversa outros episódios (narrados e descritos de maneira heterogênea) que contribuem para uma visão inventada desta cultura (INGOLD, 2012). Não obstante, na tentativa de “congelarmos” um instante para analisarmos se é ou não uma **paranoia** dos meios de comunicação embutida na (s) fala (s) de Saja (s) (o que nos levaria a uma conclusão de que somos todos – atletas, profissionais, torcedores, jornalistas, enfim, viventes do mundo esportivo – ventríloquos da mídia) ou então uma **histeria** (WAGNER, 2012) do atleta (e suas diversas personagens) que deseja estabelecer novos vínculos interpretativos a um modelo de rivalidade (afinal, poderíamos pensar que Saja calculou e selecionou cada palavra daquelas que proferiu ao saber

que estava sendo filmado, gerando assim uma aura de oportunismo ao atleta), enfim, ao “paralisarmos” este momento, imobilizamos e, com efeito, matamos a **vida** que contempla estas ações.

Por conseguinte, propomos que vejamos não às descrições finais e frias da interpretação do que está colocado em jornais como mero reproduzidor de informações contidas nestes veículos de informação. As coisas¹³ se movem, e observar este trajeto e suas transformações criativas ao longo do tempo é de fundamental importância não para buscar uma resposta final a dado fenômeno, mas sim explicitar o processo, pois é nele em que há **vida**. O agente analisado aqui, Saja, é dotado por várias categorias que o estabelecem como sujeito **vivo** e **único** capaz de ter diferentes posicionamentos em diferentes ocasiões e que **fluem** em direção a um emaranhado de linhas que aderem de muitas maneiras a tais posicionamentos **criativos**. Mesmo assim, ele e seus diversos interlocutores (atletas adversários, atletas adversários desenhados por jornalistas, Saja desenhado por jornalistas, entre tantas outras ocorrências que não coube aqui tratar) sofrem mudanças a partir do discurso em que ele nos é apresentado, nos fazendo rememorar uma lógica maussiana de *persona* (MAUSS, 2003). Pensando numa lógica *ingoldiana*, podemos citar o antropólogo Octavio Bonet:

Ingold sugere que o modo pelo qual andamos no mundo é pautado não por mapas dentro das nossas cabeças, mas por “matrizes de movimentos” que configurariam o que ele chama de “região”. Nessas regiões, os lugares não têm uma posição, mas, sim, histórias. Então, quando buscamos e encontramos um caminho, contamos uma história; assim, os lugares são unidos pelas histórias de seus habitantes. (BONET, 2014, p. 335).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chave metodológica demonstrada pelos autores da antropologia relacional parte de uma alternativa aos conceitos antropológicos que visualizam a relação entre o objeto e o estudo temático como se fosse o movimento de um compasso, ou seja, a partir da demarcação de um ponto fixo de apoio desenhar

¹³ Numa perspectiva ingoldiana, **coisas** não são como entidades fechadas em uma redoma, fixas e externas, mas sim elementos sujeitos à atuarem e a sofrerem ações numa relação **dinâmica**, por exemplo, o pássaro-no-ar ou o peixe-na-água. Em outras palavras, “o pássaro é o seu voar; o peixe é o seu nadar [...]. Cortados dessas correntes, eles estariam **mortos**” (INGOLD, 2012, p. 33, grifo do autor).

um movimento pré-estabelecido e condicionado com a perna móvel do material, quando sabemos que em muitos momentos a própria pesquisa antropológica não possibilita isso. Por conseguinte, pensamos que o desenho pode ser oriundo dum movimento criativo envolvendo desde a abstração semântica do pesquisador, passando pelas relações físicas entre as ferramentas utilizadas, até a representação particular que determinada coisa viva possa impactar ao seu redor, sendo sujeita à paralaxe.

Assim sendo, o objetivo da nossa demonstração é apontar para uma miríade de possibilidades de leituras e interpretações presentes e vivas sobre um mesmo tema. Em outras palavras, ao selecionar duas principais passagens de Sebastián Saja no mundo do futebol, notamos os múltiplos sentidos semióticos sobre um mesmo tema (jogos de futebol entre equipes argentinas e brasileiras), só que com diferentes criações de linguagem; portanto, enquanto um vídeo gravado por uma emissora argentina (ao compreendermos sua relevância **viva** e **fluída** através das narrativas proporcionadas por este) e compartilhado (ou melhor, **vazado**) para diversas localizações age como uma vastidão de interpretações através da fala de um atleta argentino que, como líder, busca motivar seus companheiros, descreve os brasileiros da forma como colocamos no início, este mesmo autor, Saja, foi desenhado de diversas formas pelos periódicos brasileiros e argentinos em 2007 como um dos líderes daquela equipe gaúcha e que, naquela ocasião, descrevera os argentinos e os brasileiros da forma como apresentamos anteriormente consoante os recortes. Ao mesmo tempo, vemos como o goleiro argentino e outros tantos atletas são **craftados** por indivíduos que consideramos invisíveis ou irrelevantes: os jornalistas e os profissionais da imprensa. Cada vez que lemos algum relato sobre determinado acontecimento, não recebemos a informação daquele que é entrevistado ou dissecado no texto, mas sim uma invasão interpretativa de determinado indivíduo que possui suas ideias condicionadas a uma miríade de coisas *vivas* que o circundam, desde a política editorial do estabelecimento que o obriga a tomar certas diretrizes ao invés de outras, até questões individuais que o façam ler determinada ocorrência. Mais: os próprios escritores estão sujeitos à esta mudança **fluída** de relações com as coisas ao seu redor. O filósofo Gilles Deleuze nos ajuda a compreender esta questão ao lembrar que:

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isto, é preciso que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre hetero-

gêneo: o estilo cava nela diferenças de potenciais entre as quais alguma coisa pode passar, pode se passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem, fazendo-nos ver e pensar o que permanecia na sombra em torno das palavras, entidades de cuja existência mal suspeitávamos. (DELEUZE, 2010, p. 180).

Como vimos no início do texto, Saja mostra-se uma figura emblemática e peculiar em seu clube, seja no Racing de 2016, seja no Grêmio de 2007. Em sua análise, coloca a equipe gaúcha próxima das características de clubes portenhos, colocando-a como “raçuda” e, ao mesmo tempo, estabelece uma convergência com o futebol “más técnico” do brasileiro em comparação ao argentino. No Racing, quando se referiu na “preleção”¹⁴ (na Argentina, “arenga”) gravada em vídeo sobre “jogar como Argentina”, certamente não estava se referindo ao “apela a mañas para hacer tiempo y parar el juego” quando estava vestindo a camisa do Grêmio, mas sim ao “se não jogássemos como argentinos, com muita raça, não teríamos chegado à final”, também em 2007. Mas será que nossa discussão limita-se à explorar as diversas máscaras (ou, num mundo futebolístico, as diversas camisas) estabelecidas nesta **malha viva** de viventes do universo do esporte a partir de uma análise do discurso? Não, uma vez que estes agentes estão imersos em um conjunto de coisas que influenciam suas performances criativas de interpretação do mundo.

A relação com aquilo que chamamos de “Natureza” é poucas vezes lembrada no futebol. Recorda-se deste fenômeno natural *vivo* no futebol somente quando presenciamos condições extremas para nossos olhos brasileiros, tais como neve ou altitude. Se observarmos com maior afinco para tais situações, percebermos a influência deste poder sobre as práticas lúdicas e corporais, alterando as maneiras de compreender e entender o jogo. Mesmo adversidades ordinárias, tais como a chuva, a grama alta, o vento, o calor, são recordadas nos depoimentos futebolísticos somente se estas ocorrem em grande quantidade, “interferindo” no evento. Outro atributo “natural” presente em nosso cotidiano de forma fundamental e pouco recordado é o tempo, que influencia não somente as performances e as opiniões dos atletas, como também intervêm sobre os profissionais da mídia através de mudanças das narrativas e da exposição criativa dos fatos, além de influenciar todos os outros agentes que participam deste emaranhado de informações compartilhadas e vivas do futebol.

¹⁴ Momento anterior à entrada das equipes no gramado, aonde geralmente o líder da equipe conduz um breve monólogo a fim de empolgar seus companheiros.

Sabemos que as condições climáticas do Rio Grande do Sul assemelham-se às da Argentina, pelo menos da região de Buenos Aires. Não à toa os jornais rio-grandenses colocam em seu mapa da previsão do tempo toda a região Cisplatina. Ademais, sabemos que o futebol gaúcho recebera forte influência dos países vizinhos como Uruguai e Argentina devido à fronteira (MASCARENHAS, 2000) e que os próprios torcedores do Grêmio se autointitulam como detentores da “alma castelhana”. Essas e tantas outras **linhas** alimentam ontologias *vivas* e envolvidas num **processo criativo de invenção de culturas**.

Por conseguinte, sobre a análise das narrativas apresentada ao longo do manuscrito, vemos uma variedade grande de **rios** que podem ter seus **fluxos** problematizados (assim como seus afluentes, suas alterações **dinâmicas**, e assim por diante), rios como a discussão estética dos estilos de jogo, o conceito de liderança e herói, e a questão da masculinidade, mais uma vez colocada através de termos que remetem a um estereótipo negativo do masculino a partir do termo “se borrar”. Elementos estes que ainda reforçam uma posição machista neste esporte e que encontra diálogo no machismo da sociedade, no qual para se jogar o “verdadeiro” futebol precisa-se “descer a porrada” (“*¿Caguemos los a palos futbolisticamente?*”, como Saja afirmara) no adversário, não se acovardar (ou não “se borrar”) e jogar como “verdadeiros” argentinos (ou brasileiros), o que nos faz crer que remete a um estilo de jogo esteticamente bravo e destemido. Coisas que retumbam, por exemplo, na opinião hodierna e popular sobre uma “forma-representação” (TOLEDO, 2000)¹⁵ “cholista”¹⁶ – que, como toda criação **viva**, interage com outros meios sociais, como o mundo dos negócios (AZNAR, 2016) – que a equipe espanhola Club Atlético de Madrid treinada pelo argentino Diego Simeone¹⁷ aplica durante as partidas. Esta e tantas outras discussões podem ser acarretadas a partir de uma metodologia relacional que

¹⁵ “**Formas** dizem respeito às configurações que alocam os jogadores especialmente no gramado em função de determinadas tarefas a eles delegadas pelos técnicos ou comissões técnicas. **Representações** consistem nos ajustamentos num plano simbólico de tais **formas** ou **padrões** codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva.” (TOLEDO, 2000, p. 164, grifo do autor).

¹⁶ O nome refere-se ao apelido de Diego Simeone: “Cholo”, ou mameluco em português. A ele se dá a autoria deste estilo de jogo, caracterizado principalmente pela alta dedicação, disciplina tática e intensidade dos atletas em detrimento da individualidade técnica e do improviso.

¹⁷ Encontra-se reportagens exaltando tal estilo de jogo como uma alternativa ao “chato” futebol moderno, colocado na figura do “tiki-taka” de Guardiola (caracterizado por uma alta posse de bola, cadência de jogo, triangulações e estratégias táticas ofensivas), em diversos países: Brasil (PEREZ, 2016), Portugal (CHOLISMO..., 2016), Itália (LONGHI, 2016), Espanha (GARCÍA, 2016) e Argentina (LA GAZZETA..., 2016).

enxerga para além dos fins a partir dos meios vivos e atuantes que as coisas do mundo estão envolvidas.

O famoso escritor italiano Luigi Pirandello, em um de seus livros, descrevia a angústia existencial do protagonista que, da noite para o dia, descobrira possuir milhares de facetas, todas elas inventadas e devidamente correspondidas por cada ser que fazia parte de seu mundo, desde a sua esposa até sua cachorrinha. E, ao mesmo tempo em que ele inventava e reinventava facetas para todos que conhecia, ele era “vítima” da invenção e reinvenção dos outros. Numa de suas reflexões, a personagem diz:

Vocês acreditam que podem conhecer a si mesmos sem se construírem de algum modo? E que eu possa conhecê-los sem construí-los um pouco a meu modo? E vocês a mim, sem me construírem a seu modo? (PIRANDELLO, 2015, p. 56).

Assim como esta reflexão, a proposta relacional da antropologia contemporânea nos apresenta uma alternativa embasada nas condições vivas dos nossos relacionamentos com as coisas do mundo. E, conforme o escritor carioca Nelson Rodrigues afirmara uma vez, “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”.

FOOTBALL, MEDIAS AND SMUGDES: A RELATIONAL PERSPECTIVE ABOUT THE SPORT

ABSTRACT: *The purpose of this article is to analyze the relation between invented identities in football from a relational perspective based on Ingoldian theory, specially. For this purpose, we chose an event – the football matches that occurred in the 8th-finals of Libertadores America Cup between Clube Atlético Mineiro and Racing Club de Avellaneda – which we selected the presence of a character: the Argentinean goalkeeper Sebastián Saja. On this way, we noticed how the persona is creatively crafted for a myriad based on media reports from other analysis, like journalists, chroniclers, athletes’ testimonials, other decades, etc. Indeed, through this polyphony, we think in football as a joint of alive things, where not just the professional way of a football player is flexible, but also the diverse elements related with the sport, like the active reading about the regional identities designed for the media individuals.*

KEY WORDS: *Football. Media. Identity. Tim Ingold. Roy Wagner.*

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, P. **Fútbol y patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.
- BONET, O. Itinerâncias e malhas para pensar os itinerários do cuidado. A propósito de Tim Ingold. **Revista Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.4. n.2, p.327-350, out. 2014. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/2-ano4-v04n02_octavio-bonet.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.
- BOSSIO, M. Bombonera como nunca. **Clarín**, Buenos Aires, 26 jun. 2003. Deportivo, p. 6.
- CASTELLANI, R. M. A liderança e coesão grupal no futebol profissional: o pesquisador fora do jogo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 431-45, jul/set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n3/09.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2016.
- CAMPEONATO Brasileiro Série A 2007: estatísticas. **Ogol**, 06 maio. 2016. Disponível em: <http://www.ogol.com.br/edition_stats.php?id_edicao=1425&id_equipa=0&v=jt1&o=pen&pos=0&pais=0&v1=j&v2=t&v3=1&page=2>. Acesso em: 06 maio 2016
- CHOLISMO ou guardiolismo? não trabalho para agradar. **OJOGO**, 02 maio 2016. Disponível em: <http://www.ojogo.pt/Internacional/liga_campeoes/interior.aspx?content_id=5154336>. Acesso em: 10 maio 2016.
- CUMBIA papal: yayo: sin codificar. 17 mar. 2013. Vídeo disponível no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VwkECLm8EwY>>. Acesso em: 06 maio 2016.
- DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: 34, 2010.
- DI NICOLLA, G. Saja, optimista, y duro con Boca. **La Nación**, Buenos Aires, 20 jun. 2007. Deportiva, p. 4.
- DICIONÁRIO Oxford escolar: Português-Inglês Inglês-Português. Nova York: Oxford University Press, 2001.
- FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- GARCÍA, D. Cholismo, una manera de vivir y de ganhar. **Lá Razon**, 04 may. 2016. Deportes. Disponível em: <<http://www.larazon.es/deportes/cholismo-una-manera-de-vivir-y-de-ganar-GD12551362#.Ttt1iF2iQjlp5aD>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GUEDES, S. L. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambú. **Anais...** Caxambú: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2002. p.1-19 Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/043411_Guedes%20-%20Notas%20sobre%20futebol%20e%20identidade%20nacional%20na%20Argentina%20e%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

HELAL, R.; LOVISOLO, H. Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”. In: ENCONTRO DA COMPÓS NA UTP, 16., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007. p. 1-15. Disponível em: <<http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2011/02/jornalismo-e-futebol.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

HOHMANN, C. Momento histórico e derrota... **ClicRBS**, Porto Alegre, 03 nov. 2007. Clube da Bolinha. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=32883&blog=30&coldir=1&topo=3994.dwt>>. Acesso em: 16 maio 2016.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p.25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 05 dez. 2016.

LA GAZZETA y su particular comparación del Cholo Simeone con el Che: “la revolución contra el Tiqui-Taca”. **La Nación**, 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1893786-la-gazzeta-y-su-particular-comparacion-del-cholo-simeone-con-el-che-la-revolucion-contra-el-tiqui-taca>>. Acesso em: 10 maio 2016.

LONGHI, B. Se dopo il “cholismo” finisce il gioco: del cálculo. **SPORT MEDIASET**, 4 mag. 2016. Disponível em: <http://www.sportmediaset.mediaset.it/calcio/calcio/se-dopo-il-cholismo-finisce-il-gioco-del-calcio_1096613-201602a.shtml>. Acesso em: 10 maio 2016.

MARTINS, V. Jogadores do Atlético-MG respondem Saja: “Deu para ver quem se borrou”. **UOL Esporte**, Belo Horizonte, 05 maio 2016. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2016/05/05/>>

jogadores-do-atletico-mg-respodem-saja-deu-para-ver-quem-se-borrou.htm>. Acesso em: 16 maio 2016.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASCARENHAS, G. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, Año 5, n. 26, p.01-08, 2000.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEYER, D. As identidades nacionais na copa libertadores pelos periódicos. In: FÓRUM DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, ESPORTE E CULTURA, 1.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS EM MÍDIA E ESPORTE, 1., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: LEME, 2014. p.1-15. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/174328_Meyer_-_As_identidades_nacionais_na_copa_libertadores_pelos_peridicos.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

NA ARGENTINA, ex-gremista lê Che Guevara para ser um capitão. **Terra**, [S.l.], 18 ago. 2012. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/argentina/na-argentina-ex-gremista-le-che-guevara-para-ser-um-capitao-melhor,a15de534bbb9a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16 maio 2016.

PEREZ, N. O “cholismo” ganha a Itália: Trapattoni: “Eu amo o Simeone: O Tiki-taka me faz dormir”. **Trivela**, 03 maio 2016. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/o-cholismo-ganha-a-italia-trapattoni-eu-amo-o-simeone-o-tiki-taka-me-faz-dormir/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

PIRANDELLO, L. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

RACING es campeón del fútbol argentino después de 13 años. **La Nación**, 15 dez. 2014. Disponível em: <<http://canchallena.lanacion.com.ar/1752169-racing-godoy-cruz-definicion-primera-division>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.usp.br/ludens/images/publicacoes/logicas_no_futebol.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2016.

35ª RODADA Brasileirão: GRÊMIO 1 X 2 Figueirense. 03 nov. 2007. Vídeo disponível no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FBhg925fK6I>>. Acesso em: 16 maio 2016.

VILLA NOVA, G. Saja, um aluno aplicado de Ivete Sangalo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2007. Esportes, não paginado.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

YA SE SABE quién se borró. **Olé**, 05 maio 2016. Libertadores. Disponível em: <http://www.ole.com.ar/futbol-internacional/libertadores/sabe-borro_0_1571243048.html>. Acesso em: 16 maio 2016.

Submetido: 18/05/2016

Aprovado: 12/09/2016

